

China abala o mundo

Rogério L. Furquim Werneck*

O título acima não é uma referência ao tremor financeiro da semana passada que, a partir de Xangai, derrubou mercados de ativos mundo afora. É de fato a tradução do título de um livro fascinante, escrito por James Kyngge, sobre o abalo sísmico bem mais amplo e prolongado que o vertiginoso desenvolvimento da economia chinesa vem provocando no resto do mundo. (*China Shakes the World*. New York: Houghton Mifflin, 2006, 270 páginas). Não se trata de “mais um livro sobre a China”. O autor pôde assistir de perto e de uma perspectiva privilegiada a extraordinária transformação por que passou a China nas últimas décadas. Viveu no país durante 14 dos últimos 25 anos. E foi chefe da sucursal local do *Financial Times* por sete anos, até 2005.

O que torna o livro especialmente interessante é a preocupação de Kyngge de manter um olho no que vem ocorrendo na China e outro, nas repercussões no resto do mundo. Tal enfoque fica claro já no início do livro, quando o autor descreve o que aconteceu em Horde, nos arredores de Dortmund, na Alemanha, desde que, em 2000, uma grande usina siderúrgica local do grupo Thyssen Krupp mostrou-se tão pouco competitiva que teve de ser fechada. Kyngge relata como a comunidade foi devastada pelo desaparecimento da atividade que, por várias gerações, havia propiciado a maior parte dos empregos na região.

É neste ponto que a China entra na história. As instalações ociosas da usina foram adquiridas por uma empresa chinesa, a preço de sucata (meros US\$ 24 milhões), e devidamente desmontadas por um exército de operários recrutados na China. Transportada para Jinfeng, um povoado poeirento no delta do Yangtze, a usina foi ali remontada a um custo equivalente a 60% do que teriam custado instalações novas. E é para Jinfeng que o autor então se desloca. Kyngge descreve as condições de vida de milhares de operários que haviam deixado suas famílias no campo para conseguir trabalho a 40 centavos de dólar por hora, vivendo em dormitórios. E constata que a proprietária da nova usina era uma empresa privada, surgida de um forno de fundo de quintal para reciclar sucata, estabelecido durante um racionamento de aço nos anos 70, por um ex-camponês que encontrara trabalho numa indústria têxtil estatal. Acompanhando a trajetória desse indivíduo, Kyngge analisa a complexidade dos processos que permitiram que, das fissuras de uma rígida economia de planejamento central, surgisse em tão pouco tempo a nova e pujante classe empresarial chinesa.

Estudos de caso como esse são explorados a cada capítulo. Kyngge conta com detalhe como, no final dos anos 80, imigrantes ilegais chineses começaram a chegar a Prato, na Toscana, que por mais de 700 anos havia sido a capital da indústria têxtil e de vestuário italiana. E como, em menos de duas décadas, saindo do chão de fábrica, os

chineses acabaram dominando as principais empresas da região, transformando boa parte delas em simples distribuidoras de produtos processados na China. Relata também como acabou tendo destino semelhante, a tradicional indústria de seda da região de Como, no norte da Itália. Na mesma linha, o autor reconstitui o arrasador efeito da concorrência chinesa sobre Rockford, Illinois, o principal centro da conceituada indústria de máquinas-ferramentas norte-americana. E narra, ainda, a rapidez com que os chineses se tornaram concorrentes temidos da consagrada indústria de motocicletas japonesa. O que é notável, contudo, é a forma como o autor lança mão desses vários estudos de caso para, aos poucos, compor um mosaico rico e amplo da nova economia chinesa.

Não há aqui espaço para comentar outros temas importantes analisados por Kynge, como a voracidade com que a economia chinesa vem consumindo recursos naturais não renováveis (da própria China e do resto do mundo), a arraigada xenofobia que ainda se observa no país, sua crescente importância militar e a intrincada economia política do crescimento rápido com que se defronta o regime autoritário chinês. Sobre isto, o autor menciona uma boa frase que ouviu em Beijing de um profundo conhecedor das apreensões da cúpula dirigente chinesa, diante do desafio de preservar, ao mesmo tempo, o controle social e a legitimidade advinda do crescimento: “reforma rápida leva ao caos, reforma lenta, à estagnação”.

Leitura mais do que oportuna.

* Rogério L. Furquim Werneck, economista, doutor pela Universidade Harvard, é professor titular do Departamento de Economia da PUC-Rio.